

## REFLEXÕES SOBRE O FILME “BICHO DE SETE CABEÇAS<sup>1</sup>”

**José Carlos Castelo Branco Filho<sup>2</sup>**

Podemos identificar durante o filme, a existência de não apenas um, mas dois filmes dentro de “Bicho de sete cabeças”. O primeiro é uma ficção sobre um quadro familiar extremamente desgastado; o segundo, um documentário a respeito da situação dos internos nas instituições manicomiais que ainda funcionam à base de supostos métodos de tratamento - na prática, extremamente cruéis.

Apesar disso, “Bicho de sete cabeças” é muito mais do que uma história sobre a intolerância familiar e a situação manicomial no país. É, sobretudo, um relato pungente do

---

<sup>1</sup> Filme com roteiro de Luiz Bologuinese e direção de Laís Bodanzky e participação de Rodrigo Santoro.

<sup>2</sup> **José Carlos Castelo Branco Filho** – E-mail: [josecarlos@castelobrancopsi.com](mailto:josecarlos@castelobrancopsi.com)

Psicólogo, mestre em Psicologia, na área de **Processos psicopatológicos e ações terapêuticas** e responsável pelo *Castelo Branco - Consultório de Psicologia*, onde atende jovens, adultos e casais nas áreas Clínica, Hospitalar, Saúde Mental e Plantão Psicológico. Atua como psicólogo hospitalar da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, na qual integra o NUPSI – Núcleo de Psicologia do Hospital de Base de Brasília. É membro titular do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Tem realizado oficinas e palestras em empresas e órgãos públicos com vistas à melhoria da qualidade de vida e ao equilíbrio e desenvolvimento pessoal e profissional. É membro da Sociedade Brasileira de Psicologia, da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar e da *World Association for Person-Centered and Experiential Psychotherapy and Counseling* (Associação Mundial para Psicoterapia e Aconselhamento Centrado na Pessoa e Experiencial).

efeito de aniquilação a que a fragilidade das instituições e a crescente desigualdade social impõem aos habitantes da sociedade global.

É possível identificar desejos e frustrações de alguns desses " não-seres", quando se focaliza a juventude inocente de Neto. Ele é um adolescente típico da periferia de São Paulo, que divide o tempo entre os bancos da escola e as reuniões com amigos para fumar maconha e picar muros. Em casa, enfrenta a austeridade do pai e da acuada mãe, com o mais puro silêncio e descaso.

Os pais e a irmã mais velha se incomodam com a ausência do rapaz e temem seu desvio moral, mas não conseguem estabelecer um diálogo ao descobrirem um cigarro de maconha no meio de seus objetos. A partir desse momento resolvem interná-lo em um manicômio, acreditando ser o lugar ideal para "viciados": um manicômio com a subserviência dos menos favorecidos; acreditam piamente nos dizeres dos médicos – profissionais legitimados pelo ideal do saber científico.

Os familiares, "cheios de boas intenções" ficam cúmplices do hospício e de suas cruéis torturas, só tirando Neto do hospício quando já era tarde. A violência sádica dos enfermeiros, que usam todos os recursos do hospício para subjugar os pacientes, desde a antiga camisa de força, o quarto "forte" e o eletrochoque, pode levar uma pessoa a deixar de ser gente, a perder a vontade e a consciência de si, a virar uma coisa!

O problema é que a corrupção tem invadido como nunca as instituições e o médico responsável pela internação está simplesmente interessado em atingir o número de pacientes necessários para obter subsídio Federal.

Apesar de sua lucidez e vigor, o grito de surpresa e indignação do rapaz ao se perceber internado é abafado pelo combalido sistema de relações pessoais e institucionais do mundo atual.

Este filme é duro, chocante, cruel. Duro porque apresenta a realidade dos hospícios manicomiais com uma transparência que parece de documentário e não de filme; chocante porque nós ficamos sofrendo o impacto "da medicina manicomial", e cruel porque as cenas de violência desumana em nome de um tratamento psiquiátrico mostravam sem alegorias ou metáforas como o homem pode ser o lobo do homem.

Outro efeito importante, é que o filme conseguiu quebrar a figura caricata que todos têm quando se trata de manicômios. Mostrou seres humanos esquecidos pela sociedade, seres sensíveis que sofrem e possuem seu lado mais profundo, sem deixar de lado a figura enraizada nas mentes das pessoas por causa do preconceito.

Bichos de Sete Cabeças é um filme comovente, que todos deveriam assistir para repensar seus conceitos e descobrir um lado da sociedade ignorado por todos.